

O PAROXISMO DA CRISE

Conforme fartamente comprovado pelos dados do Banco Central, do IBGE e da FGV, o cerne da crise econômica encontra-se na precária situação fiscal do País. Sem muitas expectativas de solução, a luz no fundo do túnel surgiu com a nomeação do Ministro da Fazenda, Joaquim Levy, academicamente preparado e de reconhecida experiência. As resistências políticas fizeram com que o Ministro Levy apresentasse um programa mínimo de ajuste fiscal para pôr alguma ordem nas contas públicas e, com o tempo, procurar interromper a crescente dívida pública que, desastrosamente, caminha para 70% do PIB.

Todo esse esforço ensaiado pelo Ministro está sendo literalmente boicotado por expressivas forças políticas ligadas ao Governo, sob o ridículo pretexto de que ele tem um discurso negativo, voltado para o “ajuste fiscal”, quando deveria estar falando de uma agenda positiva e da retomada do crescimento econômico.

A economia brasileira está doente, atacada por insidiosa infecção de populismo. O terapeuta Levy recomenda antibiótico para curar a doença. Os irresponsáveis recomendam bailes e festas.

Ao que tudo indica, **chegamos ao fundo do poço**. O Governador de São Paulo anunciou que a maioria das Prefeituras do Estado não tem recursos para pagar o funcionalismo, **em OUTUBRO**. A situação do Estado do Rio de Janeiro é a mesma e a do Rio Grande do Sul pior. A recessão atinge 26 Estados, com exceção, apenas, do Estado do Pará.

Nesse contexto, soluções recomendáveis no curto prazo, para evitar o caos, deveriam:

1. Suspender todo e qualquer reajuste de salários no setor público;
2. Reduzir os juros do Banco Central para chegar a uma taxa real, digamos, da ordem de 2%, como prevalece nos mercados internacionais;
3. Implantar **idade mínima** para a aposentadoria, recompondo o fator previdenciário e igualando as condições entre homens e mulheres;
4. Reforçar a estrita obediência à Lei de Responsabilidade Fiscal;
5. Enfatizar a negociação com os Governadores, para aprovação da CIDE e da CPMF;
6. Preservar, na medida do possível, os programas de saúde.

Afinal, cabe-nos confraternizar com a Presidente Dilma, por suas declarações na Suécia, reafirmando energicamente que Joaquim Levy não vai deixar o Ministério da Fazenda e que a política econômica não muda.

RETRATO DA CRISE

Com base nos dados divulgados até outubro, a equipe econômica da CNC está projetando uma situação de **recessão do PIB nacional de 3,6% em 2015**. Em resumo, temos:

- Indústria -7,5%
- Agricultura +1,5

- Comércio -3,6
- Investimentos -12,3%
- Consumo do Governo -2,0%
- Consumo das Famílias -3,5%
- Exportações -14,5%
- Importações -22,0%

Para ilustrar esse quadro, temos ainda:

- Juros anuais sobre a dívida pública, até setembro/15 R\$408,3 bilhões
- Déficit nominal do setor público R\$418,7 bilhões
- Dívida pública bruta R\$3.789,1 bilhões / 66% PIB
- Acréscimo anual da dívida R\$536,6 bilhões
- Taxa de desemprego 8,7%

Bancos e empresas de consultoria já projetam queda de até 3,5% no PIB de 2016.

AS TRÊS FACES DA CRISE NACIONAL

1) A crise econômica é, basicamente, o resultado do “modelo consumista” adotado pelo PT como política do Governo. Os incentivos fiscais e a expansão do crédito propulsionaram o excesso de consumo, no âmbito da Renda Nacional, consumindo todos os recursos disponíveis, com total descaso para os programas de investimentos necessários à manutenção do crescimento econômico.

O sistema funcionou no período 2000 a 2011, ao amparo do boom das commodities propiciado pela

China. Cessado esse impulso externo, a economia brasileira entrou em recessão, praticamente desde 2012.

2) A crise fiscal é a expressão da obesidade que atingiu a dimensão do Estado brasileiro.

3) A terceira face da crise, a crise política é, de certa forma, produto da crise econômico-fiscal. O setor político levou ao exagero os gastos públicos, ao longo de vários anos, e hoje não aceita promover a necessária correção de rumo, configurada nas propostas das reformas essenciais, tributária, administrativa, trabalhista, previdenciária e, até mesmo, política.

ATIVIDADES ECONÔMICAS

Segundo a Revista Exame (28/10/15), cerca de 420 mil pequenas e médias empresas brasileiras fecharam as portas, de janeiro a outubro, quase o triplo observado no mesmo período de 2014. São várias as causas: queda do emprego, da venda e do consumo, elevada carga tributária e pesada burocracia, principalmente, seguidas da escassez de crédito. Para sair da crise, o ex-Presidente Lula está propondo a volta do crédito ao consumo, contra a opinião da equipe econômica. Recentemente, o Governo aumentou o limite do crédito consignado de 30% para 35%. No ano, até agosto, as solicitações de crédito ao BNDES caíram 49,1%.

A crise hídrica está chegando ao seu estado crítico no Estado do Rio de Janeiro, com sérias consequências para a agricultura alimentar. Em São Paulo,

o PIB mensal caiu 2,4% em agosto, ante julho, e baixou 6,9% em relação a agosto/14 (SEADE).

Com exceção do Pará (+0%), todos os demais Estados estão em recessão econômica. O PMDB está apresentando proposta de um novo programa para sair da crise.

Indústria

Depois de oito quedas seguidas, o índice de confiança da indústria (ICI/FGV) subiu de 66 em setembro para 67,5 pontos. Mas o nível das atividades continua em baixa. Na **construção civil**, registrou-se queda de 36,2 pontos em agosto para 35,9 em setembro.

O pior resultado está com a **indústria automobilística**: de janeiro a setembro, a produção caiu 20,1% e o licenciamento -22,7%; a produção de máquinas agrícolas e rodoviárias caiu 29,8% e as exportações em dólares registraram queda de 10,8%. A fábrica japonesa Honda adiou a inauguração de sua segunda unidade no País. No setor siderúrgico, a Usiminas vai desativar temporariamente sua unidade de Cubatão, com dispensa de 4 mil trabalhadores. O faturamento da indústria nacional de **máquinas e equipamentos** subiu 2,1% em setembro sobre agosto, mas recuou 16,9% ante setembro/14; no acumulado do ano, a queda é de 9%.

A **indústria química** encerrou o 3º trimestre com déficit comercial de US\$19,4 bilhões. O faturamento industrial da **Zona Franca de Manaus** recuou 8,1% até agosto deste ano. A produção de **petróleo, da Petrobras**, ficou em 2,06 milhões de b/d em setembro, queda de 6,7% sobre agosto. O índice de nível da atividade industrial (INA) caiu 0,8% em setembro ante agosto, acumulando no ano queda de 5,1%.

O Grupo Klabin prevê que o 4º trimestre será o melhor do ano, puxado pelo câmbio.

Comércio

Segundo o IBGE, as vendas do varejo caíram 0,9% em agosto ante julho e 6,9% sobre agosto/14, acumulando no ano, queda de 3,5%.

As vendas do comércio varejista aumentaram 1,2% em setembro ante agosto, mas no acumulado do ano ainda registram queda de 2,2%. As vendas nos supermercados, em termos reais, tiveram queda de 3,1% em setembro sobre setembro/14.

Em São Paulo, as vendas do varejo caíram 3,7% em agosto, ante julho; no acumulado do ano, a queda foi de 6,5% (ACVarejo).

A CNC está projetando para 2015 uma queda de 3,6%. O índice de confiança do comércio (ICOM) recuou pela 6ª vez em outubro com perda de 2,3%, mas no setor de serviços aumentou 4,5% (FGV). Em outubro, a intenção de consumo das famílias (ICF) registrou queda de 1,8% sobre setembro e -35,5% em relação a outubro/14.

Agricultura

A produção brasileira de grãos deverá alcançar entre 210 e 213 milhões de toneladas nesta safra, ante 209,8 milhões da safra anterior (Conab).

A comercialização antecipada de soja e milho da safra 2015/16 continua acelerada em Mato Grosso e quase metade já foi negociada.

O *El Niño* deste ano deve se igualar ao mais forte registrado em 1997/98 e já está provocando fortes chuvas no Sul. No Rio Grande do Sul, 100 cidades já foram afetadas pela chuva e em Santa Catarina mais de 50 mil pessoas foram atingidas.

Mercado de Trabalho

Pelo sexto mês consecutivo, o saldo de empregos foi negativo. Em setembro, 95,6 mil vagas foram fechadas, somando no ano queda de 658 mil empregos. Em 12 meses, foram fechados 1,2 milhão de empregos. A taxa de desemprego chegou a 8,7%, mas a massa de renda real subiu 1,2% no trimestre junho/agosto. No ano, a renda média teve queda real de 2,5%. O maior número de desemprego ocorreu no setor serviços. Na indústria, o desemprego atingiu 5,1% nos últimos 12 meses.

Segundo o Sindicon-SP, a construção civil deve perder mais de meio milhão de vagas em 2015. Na região metropolitana de São Paulo, a taxa de desemprego subiu de 13,9% em agosto para 14,2% em setembro.

Setor Financeiro

O total de crédito do sistema financeiro teve ligeira alta em setembro, acumulando no ano expansão de 4,7%, sendo 2,0% nos bancos privados (recursos livres) e 7,7% nos bancos públicos (recursos direcionados). A agricultura recebeu +6,6% de crédito, a indústria +7,8% e o comércio -2,0%.

Em 12 meses, o papel-moeda emitido aumentou 2,0%, a base monetária caiu -4,2% e as reservas bancárias caíram -29,8%. De janeiro a setembro, o saldo das cadernetas de poupança teve redução de R\$53,8 bilhões.

Segundo a CNC, o percentual de famílias endividadas desceu de 63,5% em setembro para 62,1% em outubro. O percentual das que não têm condições de pagar ficou em 8,5%, ante 8,6% em setembro. No 3º trimestre, a inadimplência das empresas aumentou 7,3% (SCPC) e a devolução de cheques sem fundos aumentou 2,21%.

Inflação

O IGP-M/FGV subiu 1,89% em outubro, acumulando 10,09% em 12 meses. A inflação prévia do IPCA subiu de 0,39% em setembro para 0,66% em outubro, acumulando no ano +8,49%, com destaque para aparelhos eletrônicos (+0,95%), televisores (+0,42%), vestuário (+2,83%) e calçados (+2,3%).

Em São Paulo, a prévia do IPC/FIPE é de alta de 0,89% em outubro, com destaque para despesas pessoais (+1,07%), alimentação (+0,98%) e transportes (+0,89%). Segundo a FGV, o IPC-S avançou 0,66% em outubro, puxado pelo aumento da gasolina e transportes (+1,17%).

A última pesquisa FOCUS/BC projeta o IPCA de 9,85% para 2015 e 6,22% para 2016.

Setor Público

Continua piorando a situação fiscal. De janeiro a setembro, os juros sobre a dívida chegaram a R\$408,3 bilhões que, somados ao déficit primário de R\$8,4 bilhões, elevou o déficit nominal a R\$418,7 bilhões (9,7% PIB) e a dívida pública a R\$3.789,1 bilhões (66% PIB). Em um mês a dívida aumentou R\$45,4 bilhões e em 12 meses R\$536,6 bilhões. **Um cenário catastrófico.** Puxados pela taxa SELIC do Banco Central, o Governo paga 17% para rolar a dívida pública.

Pelos cálculos do Governo, o déficit orçamentário de 2015 pode chegar a R\$117,9 bilhões, se incluído o pagamento de R\$51,8 bilhões das “pedaladas” fiscais. O BNDES vai antecipar R\$30 bilhões de sua dívida com o Tesouro Nacional.

Setor Externo

A trágica queda de 17,1% nas exportações e 23,1% nas importações provocou positiva redução no déficit em C/Correntes no período janeiro/setembro, caindo para US\$49.362 milhões, ante US\$73.634 milhões, no mesmo período de 2014. A projeção do Banco Central é de um déficit de US\$65,0 bilhões contra US\$103,6 bilhões no ano passado.

Em meados de setembro, a Petrobras captou US\$2 bilhões com o banco chinês ICBC Leasing, mediante venda das plataformas P-52 e P-57, sobre as quais passará a pagar aluguel.

No cenário internacional, o destaque foi o Acordo de Parceria Transpacífico (TPP) firmado pelos Estados Unidos com onze países, deixando de fora o Brasil.

Nos Estados Unidos, o FED manteve as taxas de juros na faixa de 0% a 0,25%, o Congresso aumentou o limite de endividamento público e a confiança do consumidor teve forte recuperação em outubro. Caíram para 1,5% as projeções do PIB 2015.

Na Europa, o PIB da Inglaterra desacelerou para 0,5%. A Rússia, com inflação acima de 15%, manteve a taxa básica de juros em 11%.

Na China, a taxa de crescimento do PIB está em 6,9%.